

## Espaço, poder e sexualidade: possibilidades transgressoras e transformadoras nos interstícios das fronteiras espaciais

LÍVIA BARBOSA PACHECO SOUZA\*

MANUEL MFINDA PEDRO MARQUES\*\*

**Resumo:** Estudar as relações entre gênero, sexualidade, espaço e poder é essencial para compreender as dinâmicas de opressão e resistência nas estruturas sociopolíticas, promovendo reflexões críticas e estratégias para a transformação social e a inclusão. Nesse contexto, o presente estudo analisa as interseções entre espaço, poder, gênero e sexualidade, destacando como as relações de poder e suas geometrias estruturam a experiência e expressão de subjetividades sexuais em diferentes espaços. A pesquisa explora formas de transgressão e subversão às normas heteropatriarcais, enfatizando o impacto de movimentos sociais como #MeToo e #TimesUp e suas limitações em dar voz às experiências interseccionais. Baseando-se em teorias de Certeau, Foucault e na literatura de geografia feminista, o estudo propõe uma abordagem não binária para compreender a fluidez do espaço e as possibilidades de resistência. Os resultados sugerem que práticas espaciais alternativas podem romper com normas hegemônicas e redefinir significados, promovendo transformações ontológicas e emocionais nos sujeitos e lugares que habitam.

**Palavras-chave:** Poder; Normas; Sexualidade; Espaço; Transgressão.

**Space, power and sexuality: transgressive and transformative possibilities in the interstices of spatial boundaries**

**Abstract:** Studying the relationships between gender, sexuality, space and power is essential for understanding the dynamics of oppression and resistance in sociopolitical structures, promoting critical reflections and strategies for social transformation and inclusion. In this context, the present study analyzes the intersections between space, power, gender and sexuality, highlighting how power relations and their geometries structure the experience and expression of sexual subjectivities in different spaces. The research explores forms of transgression and subversion of heteropatriarchal norms, emphasizing the impact of social movements such as #MeToo and #TimesUp and their limitations in giving voice to intersectional experiences. Drawing on theories from Certeau, Foucault and feminist geography literature, the study proposes a non-binary approach to understanding the fluidity of space and the possibilities of resistance. The results suggest that alternative spatial practices can break with hegemonic norms and redefine meanings, promoting ontological and emotional transformations in the subjects and places they inhabit.

**Key words:** Power; Standards; Sexuality; Space; Transgression.



\* **LÍVIA BARBOSA PACHECO SOUZA** é Pedagoga (UNEB), Psicopedagogia Institucional e Clínica (Faculdade Iguazu), Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos (NEIM UFBA), em Gênero e Sexualidade na Educação (NUCUS UFBA) e em Educação para as Relações Étnico-Raciais (UNIAFRO UNILAB).



\*\* **MANUEL MFINDA PEDRO MARQUES** é Licenciado em Sociologia e Bacharel Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB.

## 1. Introdução

As rápidas e assustadoras mudanças no cenário político deixam clara a necessidade de reunir artigos que explorem questões de espaço, poder e transgressão/subversão em relação a gênero e sexualidade. De fato, estamos observando nos Estados Unidos e em grande parte da Europa Ocidental uma mudança no espectro político que está cada vez mais inclinado para as ideologias neoliberais e conservadoras que contribuem para a exclusão do Outro de várias formas; esses outros que não se conformam com as normas heteropatriarcais são cada vez mais apontados e posicionados como um desafio à ordem social masculina e heteronormativa existente.

Essas mudanças políticas são profundamente preocupantes, pois as polarizações parecem estar crescendo como resultado de mudanças sociopolíticas. Isso também parece ser, talvez paradoxalmente, uma consequência das fronteiras ideológicas cada vez mais borradas e redesenhadas. Nesse contexto, a questão de gênero e sexualidade ganha um novo destaque principalmente se pensarmos a relação entre capitalismo e patriarcado como dois processos complementares de opressão.

No entanto, formas de resistência e contestação encontraram maneiras de continuar a se expressar – às vezes com efeitos dramáticos, a questão de gênero e sexualidade ganha um novo destaque, especialmente se pensarmos na relação entre capitalismo e patriarcado como dois processos complementares de opressão.

Em 21 de janeiro de 2017, milhões de mulheres marcharam em cidades de todo o mundo para protestar e se reunir contra a ordem política (Moss, Maddrell,

2017). Por pelo menos um dia, as mulheres puderam recuperar as ruas das cidades em escala global como um espaço de resistência e solidariedade (Falola; West Ohueri, 2017). No espaço virtual da esfera do twitter, os movimentos #metoo e #timesup surgiram como resposta ao caso Weinstein e outros casos envolvendo figuras poderosas da indústria do entretenimento.

Essas revelações públicas não apenas revelaram a escala do assédio sexual em Hollywood, mas também começaram a lançar alguma luz sobre uma questão mais ampla que afeta as mulheres nos lugares e espaços cotidianos dos mundos em que trabalham, vivem e habitam. Esses dois exemplos de contestação não foram abrangentes e várias vezes permanecem inéditas, pois existem outras relações de poder baseadas em classe e raça na experiência de gênero e sexualidade que não são representadas (ou talvez, mais precisamente, são silenciadas) na atual atmosfera de raiva feminista (Rose- Redwood e Rose-Redwood, 2017).

A questão da experiência de violência de pessoas não heteronormativas em diferentes formas e em diferentes áreas públicas e privadas de suas vidas também permanece menos proeminente nessas contestações. No entanto, esses exemplos, que devem ser considerados tanto por sua dimensão geográfica e espacial quanto pelo fato de serem uma questão de tempo, história e genealogia, deixam clara a importância de tentar dar sentido à relação entre poder e espaço em para entender o efeito normalizador e restritivo do poder sobre o espaço e como essa hegemonia pode ser melhor desafiada.

Assim, nesta introdução, exploramos a conceituação de espaço e poder e a questão particular da transgressão; os artigos deste número especial falam particularmente da transgressão/subversão e da perturbação da 'ordem das coisas'. Juntos, esses quatro artigos nos permitem defender a importância de olhar para os locais cotidianos de luta e resistência nas fendas, nas zonas liminares e nos interstícios do espaço.

## 2. Conceituando espaço e poder

O espaço, como Certeau (1984), 'ocorre como o efeito produzido pelas operações que o orientam, situam, temporalizam e fazem funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituosos ou de proximidades contratuais' (Certeau, 1984, p. 117). Ao definir o espaço como o resultado de uma interação de matrizes e trajetórias carregadas de poder, Certeau (1984) identifica formas de subversão à ordem estabelecida e demonstra de forma inovadora a possibilidade de contornar a qualidade estereotipada das 'formas de operar' no espaço por meio de 'formas de usar' alternativas e subversivas e o que ele chama de 'táticas'.

Seu argumento sobre as práticas espaciais oferece uma análise das negociações cotidianas do lugar usando a caminhada na cidade como um exemplo das maneiras pelas quais o lugar pode ser apropriado além do 'espaço geométrico' ou 'geográfico de construções visuais, panópticas ou teóricas' (1984, p. 93). Esta conceptualização transmite a saliência das formas agênticas de transgressão ou subversão no espaço.

Antes de Certeau, Foucault, que concebeu o poder como ubíquo, ubíquo e capaz de assumir diferentes formas em

diferentes espaços (como por exemplo o biopoder, o poder disciplinar, o poder pastoral e o poder psiquiátrico), inclusive através da incorporação, também vislumbrou a possibilidade de ir contra as normas e até que ponto isso pode ser possível (Foucault, 1976, 2001).

A obra de Foucault foi notavelmente abraçada por alguns geógrafos (Howell, 2007; Philo, 2011). Philo (2011) apela a uma releitura de Foucault, em particular de aspectos específicos das suas últimas obras publicadas (por exemplo, as conferências do Collège de France), que conferem um envolvimento com o espaço, as relações espaciais e o poder que, considera, devem ser de particular interesse aos geógrafos.

Philo (2001) já havia avançado a ideia de uma 'geografia de Foucault' como uma 'geografia humana verdadeiramente pós-moderna' (Philo 2001, p. 137) especialmente no 'levar a sério o espaço, o lugar e a geografia como fontes de fragmentação' (Philo 2001, p. 144). O conceito foucaultiano de heterotopia, por exemplo, tem sido usado para explorar espaços de diferença ocultos e marginalizados.

A edição temática de Bailey e Shabazz sobre 'Gênero e geografias sexuais da negritude' (2014) expandindo a teoria das heterotopias de Foucault 'para considerar as maneiras pelas quais os espaços heterotópicos são simultaneamente racializados, generificados e sexualizados' (Bailey e Shabazz, 2014, p. 317); e nesta edição, Neville (2018) lê as comunidades slash online como heterotopias como contra-sites seguros.

Na conjuntura das relações de poder, espaços de resistência podem de fato ser formados, mesmo que "a resistência real não seja inevitável e possa ser relativamente escassa" (Ettlinger, 2011,

p. 549). Diferentes pessoas ou diferentes grupos de pessoas encontram alternativas no nexos de relações de poder e 'geometrias de poder' (Massey, 2005) que constituem o espaço. Eles encontram ou criam lugares alternativos para estar, ou formas alternativas de estar no lugar, e ao encontrar um lugar ou espaço para se definirem, às vezes são capazes de desafiar as identidades prescritas.

Essas estruturas teóricas também destacam a capacidade da agência de se expressar por meio da escolha e da criatividade em práticas e processos de criação de significado – em última análise, com o efeito de repensar práticas e significados espaciais. Nós, e os autores dos artigos desta seção temática, mantemos a qualidade cotidiana das formas de transgressão ou subversão no espaço.

### **3. Gênero, sexualidade e subjetividade**

Gênero e subjetividades sexuais, em particular, são muitas vezes determinados pela desigualdade imbuída nas geometrias de poder do espaço ou o que Cresswell (2010) chama de '(...) arranjo sistematicamente assimétrico de poder' (Cresswell, 2010, p. 172). A espacialização do gênero e da sexualidade constitui uma virada central ao reconhecer variações nas formas como gênero e sexualidade podem ser expressos e vividos em diferentes espaços e lugares. Falando sobre a importância da política em relação às identidades e espaços sexuais, Brown, Browne e Lim (2007, p. 5) argumentam que:

O poder pode ser entendido como uma miríade de emaranhados de resistência e dominação que são mutuamente constitutivos um do outro. O poder opera através de como interagimos uns com os outros, como regulamos o

comportamento uns dos outros e, conseqüentemente, construímos os espaços que habitamos.

Os imperativos disciplinadores das relações de poder muitas vezes servem para normalizar, às custas de outros, algumas identidades sexuais e de gênero, bem como sua expressão e movimento no espaço. Cada artigo nesta edição se envolve com diferentes formas de contestação e ruptura das normas espaciais, seus binários e hierarquias entendendo o poder como uma fonte de resistência e dominação, e considerando sua inclusão em compreensões geográficas da política de espaço e lugar (Ahmed, 2006).

De fato, os artigos ilustram a natureza política de lugares particulares (reais ou imaginários, físicos ou virtuais) e as formas pelas quais as estruturas e relações de poder tradicionais são rompidas na esteira de práticas sexuadas/gênero transgressivas, bem como processos de construção de significado. Isso requer uma compreensão material das divisões espaciais, mas também uma consideração de como as transgressões ontológicas ou emocionais impactam as pessoas que se movem em e através de espaços e lugares específicos.

A força da teoria feminista e queer tem sido engajar-se na ruptura das estruturas hegemônicas das relações de poder que governam as identidades e sua incorporação, destacando as narrativas e práticas que contestam ou estendem a norma (Oswin, 2008). Baydar (2012) fala, por exemplo, da alteração das práticas espaciais normativas na produção sexualizada do espaço.

Um dos efeitos do poder sobre o espaço está na produção e manutenção de normas que são definidas em termos binários. A literatura de geografia feminista e queer, em vez disso,

informou uma abordagem não binária para uma leitura crítica da sexualidade e do gênero, conceituando o espaço como fluido e não fixo. Doan (2010), por exemplo, identifica o que ela chama de “a tirania dos espaços de gênero”.

Para Doan (2010), essa tirania é caracterizada por uma persistente dicotomia de gênero que restringe a expressão e a experiência de diferenças de gênero no espaço. Interrogar e, por sua vez, desafiar a tirania das categorias de gênero e sua correspondência espacial apresenta um potencial transformador.

Doan (2010) faz um argumento pertinente em relação às populações intersexuais e transgêneros e como essa tirania afeta tanto sua vida privada quanto pública, embora de maneiras diferentes. Concentrando-se na heterossexualidade e nas geografias morais da prostituição, Hubbard (2000) destaca um binário entre 'identidades heterossexuais morais e imorais'.

Oswin (2008) leva o argumento adiante. Embora uma "bolsa de estudos sobre geografias queer tenha chamado a atenção para a produção ativa do espaço como heterossexualizado e tenha feito críticas poderosas ao viés heterossexual implícito de muitas teorizações geográficas" (Oswin, 2008, p. 89), ela argumenta que uma abordagem geográfica queer deve adotar um escopo mais amplo que considere "questões como fluxos transnacionais de trabalho, diáspora, imigração, saúde pública, globalização, domesticidade, geopolítica e pobreza" e, como tal, "demonstre o uso de teoria queer a essas preocupações centrais da geografia crítica muito além da análise de sua relação com a vida de gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros" (Oswin, 2008, p. 100).

Afirmamos que esta agenda de pesquisa continua importante e esta questão temática está situada dentro da literatura de geógrafos feministas e queer que se envolveram com binarismos sexuais e de gênero na interseção de diferentes fatores sociais em vários contextos socioespaciais e configurações empíricas.

St Laurent para rejeitar um binarismo heterossexual e homossexual na forma como a cidade é vivida por lésbicas; Pequeno (2002) e Little e Panelli (2003) sobre a identidade de gênero rural e a importância de abordar criticamente as construções hegemônicas de masculinidade e feminilidade; Bailey (2014) sobre a comunidade Black LGBT Ballroom e a 'prática espacial da possibilidade' na cidade de Detroit.

No contexto da cidade neoliberal, a gentrificação impõe um conjunto particular de relações de poder na interseção de classe, gênero e sexualidade (Kern, 2010a, 2010b). Este número temático começa com o artigo de Buckingham, Degen e Marandet situado no contexto da 'gentrificação e neoliberalização em grande escala, que deixa menos lugares intersticiais disponíveis para populações inconformadas e a organização que as apoia' (Buckingham, Degen E Marandet, 2017, p. 14).

Seu artigo sustenta uma forte relação entre práticas espaciais de subversão, transformação do espaço e o eu ou senso de si. Neste Buckingham, Degen e Marandet (2007) demonstram ainda mais a importância do lugar e como é possível criar um espaço de oportunidade por meio da cocriação. Para entender a relação entre lugar e trabalho sexual, eles olham para 'o cotidiano' e 'o gentrificado' em duas áreas de Londres em processo de gentrificação: Tower Hamlets e Kings

Cross.

Com esta distinção, Buckingham, Degen e Marandet (2017) oferecem uma leitura alternativa e feminista do trabalho sexual de rua que presta atenção especial ao 'corpo vivido' em 'espaços vividos', bem como à possibilidade de diferentes formas de identificação e modos de ser mulheres em termos não simplesmente definidos por seu trabalho sexual.

Um dos efeitos dessa gentrificação hegemônica é a sanitização da área, eliminando ou deslocando práticas que não se enquadram em uma norma respeitável, neste caso, especialmente em relação à sexualidade. Essas duas lojas, no entanto, atendem a uma ampla gama de práticas e orientações sexuais e, portanto, apresentam exemplos de como as sex shops nesta parte de Londres deixaram de ser espaços masculinos e decadentes para lugares onde as possibilidades queer emergem para uma ampla gama de pessoas que procuram 'varejo sexual' (Sanders- McDonagh e Peyrefitte, 2008).

Sua existência e a possibilidade queer que eles representam notavelmente por meio de sua co-localização e 'a história concomitante da área' contestam a organização do espaço público ao longo de linhas heteronormativas, mas também homonormativas (Podmore, 2013).

Explorando as práticas generificadas/sexuadas de seus moradores, Weicht e Radicioni argumentam que o centro social e as iniciativas que o acompanham fornecem um espaço que representa as lutas passadas e presentes pelo reconhecimento de direitos, as relações de cuidado e as histórias com as quais esses grupos se identificam.

O artigo enfoca, assim, o poder transformador da construção ativa e coletiva de espaços de cuidado por meio dos quais narrativas de cuidado, reconhecimento coletivo sexual e de gênero e práticas de relações amorosas/amigáveis de cuidado podem substituir tanto formas tradicionais/informais de convivência quanto formas de cuidado e instituições espaços que oferecem atendimento profissional.

Como outro exemplo de espaços alternativos onde as normas são contestadas, o artigo de Neville sobre identidades de gênero e sexuadas baseia-se em dados de pesquisa em larga escala de mulheres que escrevem literatura erótica e pornografia masculina gay para sugerir que determinados espaços virtuais são espaços seguros. Para seus participantes, as comunidades slash online oferecem às mulheres a chance de explorar seu próprio gênero e sexualidade e, como resultado, elas são capazes de desafiar a heteronormatividade e a conformidade de gênero.

No entanto, o estudo de Neville demonstra que os fandoms online m/m não estão apenas fornecendo espaços online seguros, mas também podem constituir espaços reais como heterotopias onde 'identidades alternativas podem ser refletidas e onde grupos subordinados podem encontrar apoio e resistência coletiva (Fraser, 1992; Warner, 1999)' (Neville, 2018).

Ao olhar para a relação entre espaços virtuais e da vida real, Neville é capaz de descobrir os diferentes significados do slash, como ser uma porta de entrada para o ativismo, um meio para a construção de conhecimento e um lugar para a descoberta pessoal. Sua análise dessas dimensões mostra que "há uma rejeição do policiamento excessivamente

rígido dos limites desses espaços e um entusiasmo pela ideia deles como heterotopias, contrapúblicos, espaços que são radicais e têm o potencial de serem genuinamente transformadores". (Neville, 2018).

#### **4. Considerações finais**

Ao reconhecer os interstícios que constituem o espaço em sua diversidade, os diferentes artigos desta seção especial ampliam conhecimentos acadêmicos – teóricos, metodológicos e empíricos – que rompem com as conceituações de espaço. Ao lado de uma lente teórica e conceitual feminista e de gênero, os artigos desta edição especial de fato exibem uma variedade de abordagens metodológicas que mostram a diversidade e a criatividade de uma pesquisa que explora os interstícios das relações de poder no espaço.

Ao fazê-lo, a coleção apresenta exemplos de diferentes maneiras pelas quais o espaço e o lugar podem ser entendidos e conceituados por meio de práticas, mas também processos de criação de significado que permitem a mudança de fronteiras normativas – geografias da sexualidade que não são determinadas pelo que Brown, Browne e Lim (2007) alertaram como 'a ortodoxia teórica' da teorização queer.

Como tal, uma geografia crítica do espaço e do lugar deve reconhecer a porosidade e a maleabilidade das fronteiras em torno dos lugares à medida que são desenhadas e redesenhadas pelas relações de poder que constituem o espaço. Este número

temático apresenta diferentes exemplos da possibilidade de esculpir um espaço de transgressão das estruturas heteronormativa/homonormativa e heteropatriarcal, seja nos espaços cotidianos do lar queer, através de

serviços de apoio, em sex shops ou em comunidades slash online.

Os artigos em geral oferecem uma visão empiricamente fundamentada sobre as possibilidades de subverter, transgredir e transformar espaços, investigando diferentes casos de narrativas e práticas sexuadas e generificadas em diversos contextos. Eles convidam a continuar voltando nossa lente acadêmica para as zonas liminares, os interstícios ou fendas do espaço: os espaços que são esculpidos fora da norma.

Os interstícios em alguns contextos estão se tornando mais estreitos e isso é mais potente em Buckingham, Degen e Marandet (2017) e Sanders-McDonagh e Peyrefitte's (2018) artigos que tratam do efeito da gentrificação na cidade neoliberal. Em Weicht e Radicioni (2017) e Neville (2018), os interstícios permanecem 'marginais', mas um verdadeiro espaço alternativo de expressão e transformação. Em todos os casos, os artigos demonstram a possibilidade transformadora da transgressão.

Como Moss e Dyck (2003, p. 67) argumentam a transgressão pode ser contestada, como no uso de ameaça e violência, ou alternativamente através da autovigilância no medo ou aceitação de normas dominantes. Se 'bem-sucedida', a transgressão atua como uma política transformadora que se soma à multiplicidade de significados de um determinado lugar.

Podemos questionar até que ponto as práticas e narrativas generificadas e sexuadas que esculpem espaços transformadores têm peso político suficiente em sua transgressão. No atual contexto político, este número especial apresenta, com certo otimismo, vozes alternativas que contestam os consensos neoliberais e heteropatriarcais que

regem espacialmente a vida e o corpo das pessoas. Por outro lado, afirmamos que sua força política transformadora reside no reconhecimento de sua existência e esse reconhecimento deve continuar a informar uma agenda de pesquisa em geografia crítica.

#### Referências

- AHMED, Sara. 2006. **Fenomenologia Queer: Orientações, Objetos, Outros**. Londres: Duke University Press.
- BAILEY, Marlon. 2014. “Engendering Space: Ballroom Culture and the Spatial Practice of Possibilidades in Detroit.” **Gênero, Lugar e Cultura** 21 (4): 489-507.
- Bailey, Marlon e Rashad Shabazz. 2014. “Editorial: Gênero e Geografias Sexuais da Negritude: Heterotopias Antinegras (Parte 1).” **Gênero, Lugar e Cultura** 21 (3): 316-321.
- Baydar, Gulsum. 2012. “Produções sexualizadas do espaço”. **Gênero, Lugar e Cultura** 19 (6): 699-706.
- Brown, Gavin, Kath Browne e Jason Lim. 2007. “Introdução ou Por Que Ter um Livro de Geografias das Sexualidades?” Em *Geographies of Sexualities: Theory, Practices and Politics*, editado por Kath Browne, Jason Lim e Gavin Brown, 1-18. Farnham: Ashgate.
- Buckingham, Susan, Monica Degen e Elodie Marandet. 2017. ‘Corpos Vivos’ e a Cidade Neoliberal – Um Estudo de Caso de Vulnerabilidade em Londres. **Gênero, Lugar e Cultura**.
- De Certeau, M. 1984. **The practice of every day life**. S. Rendall, trns. University of California Press.
- Cresswell, Tim. 2010. “Nova Geografia Cultural – Um Projeto Inacabado?” **Geografias Culturais** 17 (2): 169-174.
- Doan, Petra L. 2010. “A Tirania dos Espaços de Gênero – Reflexões além da Dicotomia de Gênero.” **Gênero, Lugar e Cultura** 17 (5): 635-654.
- Ettlinger, Nancy. 2011. “Governamentalidade como Epistemologia”. **Anais da Associação de Geógrafos Americanos** 101 (3): 537-560.
- Falola, Bisola e Chelsi West Ohueri. 2017. “Resista, persista, desista: construindo solidariedade desde a vovó Ella, passando pela bebê Angela até a Marcha das Mulheres.” **Gênero, Lugar e Cultura** 24 (5): 722-740.
- Foucault, M. 1975. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison** (A. Sheridan, Trans.) Penguin, Books.
- Foucault, M. 2001. **Madness and civilization: A history of insanity in the age of Reason 2ª ed.** Routledge.
- Fraser, N. 1992. **Rethinking the public Sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy**. In C. J. Calhoun (ed.), *Habermas and the Public Sphere* (pp.109-142). Cambridge, Mit Press.
- Howell, P. 2007. Foucault, sexuality, geography. In J. W. Crampton & S. Elden (Eds.), *Space, Knowledge and Power: Foucault and Geography* (pp. 291–317). Aldershot, England; Burlington, VT: Ashgate
- Hubbard, Phil. 2000. “Desejo e nojo: mapeando os contornos morais da heterossexualidade.” **Progresso na Geografia Humana** 24: 191-217.
- Kern, Leslie. 2010a. “Vendendo a ‘cidade assustadora’: liberdade de gênero, medo e desenvolvimento de condomínios na cidade neoliberal.” **Geografia Social e Cultural** 11 (3): 209-230.
- Kern, Leslie. 2010b. “Reurbanização de gênero: mulheres e gentrificação de novas construções em Toronto.” **População, Espaço e Lugar** 16: 363-379.
- Lee, Janete. 2009. “FANY (First Aid Nursery Yeomanry) ‘Outros Espaços’: Rumo a uma Aplicação das Heterotopias de Foucault como Espaços Alternativos de Ordenação Social.” **Gênero, Lugar e Cultura** 16 (6): 647-664.
- Pequeno, Jo. 2002. “Geografia Rural: Identidade de Gênero Rural e Performance de Masculinidades e Feminilidades no Campo”. **Progresso em Geografia Humana** 26 (5): 665-670.
- Little, Jo e Ruth Panelli. 2003. “Pesquisa de Gênero na Geografia Rural”. **Gênero, Lugar e Cultura** 10 (3): 281-289.
- Massey, D.B. 2025. **Doreen B. For space**. Londres; Thousand Oaks, CA: Sage.
- Moss, Pamela e Isabel Dyck. 2003. “Incorporando a Geografia Social”. Em **Handbook of Cultural Geography**, editado por K. Anderson, M. Domosh, S. Pile e N. Thrift, 58-73. Londres: Sábio. 10.4135/9781848608252



- Moss, Pamela e Avril Maddrell. 2017. “Introdução: Espaços emergentes e divergentes na Marcha das Mulheres: os desafios da interseccionalidade e da inclusão.” **Gênero, Lugar e Cultura** 24 (5): 613-620.
- NEVILLE, Lúcia. 2018. A Tenda é Grande o Suficiente para Todos': Ficção Slash Online como um Site para Ativismo e Mudança. **Gênero, Lugar e Cultura**.
- Oswin, Natália. 2008. “Geografias críticas e usos da sexualidade: desconstruindo o espaço queer”. **Progresso em Geografia Humana** 32 (1): 89-103.
- Philo, Chris. 2001. “A geografia de Foucault”. Em: **Espaço de Pensamento**. 1ª Edição, Routledge: Londres.
- Philo, Chris. 2012. “Um 'Novo Foucault' com implicações vívidas – ou o 'o lagostim avança lateralmente'.” **Transações do Instituto de Geógrafos Britânicos** 37: 496-514.
- Podmore, Julie. 2001. “Lésbicas na Multidão: Gênero, Sexualidade e Visibilidade ao longo da Boul de Montreal. St-Laurent. **Gênero, Lugar e Cultura** 8 (4): 333-355.
- Podmore, Julie. 2013. “Comentário Crítico: Paisagens das Sexualidades além da Homonormatividade.” **Geoforum** 49: 263-267.
- Rose-Redwood, Cindy Ann e Reuben Rose-Redwood. 2017. “Definitivamente parecia muito branco': Raça, Gênero e a Política Performativa da Assembléia na Marcha das Mulheres em Victoria, British Columbia.” **Gênero, Lugar e Cultura** 24 (5): 645-654.
- Sanders-McDonagh, E., Peyrefitte, M. 2018. **Immoral geographies and Soho's sex shops: Exploring spaces of sexual diversity in London**. *Gender, Place e Culture*, 25(3), 351–367.  
<https://doi.org/10.1080/0966369X.2018.1453487>
- Sanders-McDonagh, Erin, Magali Peyrefitte e Matt Ryalls. 2016. “Saneando a cidade: explorando a gentrificação hegemônica no Soho de Londres.” **Pesquisa Sociológica Online** 21 (3): 1-6.
- Warner, Michael D. 2002. **Publics and counterpublics**. New York: Zone Books.
- Weicht, B., Radicioni, S. 2017. **A place to transform: creating caring spaces by challenging normativity and identity**. *Gender, Place e Culture*, 25(3), 368–383.  
<https://doi.org/10.1080/0966369X.2017.1382449>.

Recebido em 2024-07-12  
Publicado em 2025-06-27